

## Mediação Tecnológica Nos Espaços Educativos: O Estudo Da Intervenção Educomunicativa Através Da Tecnologia<sup>1</sup>

Anthony Souza e SILVA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

### RESUMO

O trabalho descreve possibilidades da Mediação Tecnológica nos Espaços Educativos (MTE) enquanto área de intervenção da Educomunicação. O estudo teórico foi trabalhado no TCC “Intervenção educomunicativa com seriados televisivos e desenhos animados no ensino médio”, realizado em 2015 numa escola de Santa Cruz do Capibaribe-PE, sobre o emprego de uma intervenção em sala de aula. A referida intervenção tomou como viés da Educomunicação os preceitos do tripé: pensar, agir e refletir sobre essa ação, onde a metodologia não cessa com a aplicação, mas com a análise a ser feita em cima da aplicação. A prática buscou a promoção de discussões dos programas apresentados em ambiente escolar, através da MTE, que objetiva entender a sociedade da informação e adotar suas tecnologias segundo a lógica educomunicativa.

**Palavras-chave:** mediação tecnológica; educomunicação; intervenção.

### Introdução

Vivemos em um mundo conhecido – adjetivamente - como Era da Informação, onde recebemos constante e continuamente novas mensagens pelos mais diversificados meios, quebrando as fronteiras do tempo e do espaço. Por sua vez, o processo ocorre por variados meios e suportes, desde jornal impresso e rádio até televisão e internet. Dentre eles, destaca-se, como transmissora de informações, a televisão, sendo a mídia mais presente nas residências familiares mundo afora. Inserida nela, há uma gama de gêneros de programas, com objetivos diversos, em sua maioria, correlacionados a entreter, educar e informar.

Diariamente, adolescentes ficam mais antenados e conectados na *World Wide Web* (WWW), ambiente onde encontram diversas formas de distração, como os sítios eletrônicos de *streaming*<sup>3</sup>, locais onde estão disponíveis várias novelas, seriados, filmes, desenhos animados e todo tipo de produto audiovisual, todos *online*. Neste contexto,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Recém-graduado no curso de Educomunicação da UFCG-PB, e-mail: [anthonyeses@hotmail.com.br](mailto:anthonyeses@hotmail.com.br).

<sup>3</sup> Forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes.

dada a facilidade de acesso a estes conteúdos, há a possibilidade de usar estes arquivos audiovisuais em espaços educativos formais, considerando que possam auxiliar no método de ensino, tendo, não somente uma forma de conseguir a atenção dos jovens, como, também, de despertar o senso crítico a partir de outros pontos de vista presentes nos programas, que trazem visões implícitas e que precisam de uma observação acurada para o aprendizado.

Neste contexto, mesmo programas televisivos, entendidos como recursos midiáticos, fomentam múltiplos aprendizados dentro dos processos inter-relacionais da educação formal. Com as devidas orientações, jovens podem ter uma nova visão sobre o que estes programas podem lhes ensinar, além do âmbito do entretenimento, mas partindo da ludicidade para alcançar o conhecimento.

Sobre a educação pública no país, resoluções do Conselho Nacional de Educação atualizaram as Diretrizes Curriculares Nacionais e a última resolução que tratou das diretrizes nacionais para o Ensino Médio<sup>4</sup> enumerou tópicos a serem tratados no projeto político-pedagógico das escolas. Dois dos tópicos corroboram com a inserção e uso transdisciplinar dos programas de televisão no Ensino Médio: (i) utilizar diferentes mídias como processo de dinamização da aprendizagem e construção de novos saberes, e (ii) produzir mídias partindo da promoção de atividades de leitura e análise do papel cultural, político e econômico dos meios de comunicação na sociedade (BRASIL, 2012). Com estes tópicos, é possível fundamentar o trabalho educacional na educação formal, promovendo as inter-relações transdisciplinares entre os conteúdos curriculares e suas amplas perspectivas de discussão, favorecendo, pela participação ativa, o senso crítico-criativo.

### **Fundamentação Teórico-conceitual**

A princípio, faz-se imprescindível uma explanação sobre as nuances da Educomunicação como área de inter-relação entre a educação e a comunicação, pondo-se, em exposição, as prerrogativas a serem tomadas como viés ao trabalho em questão, pois, o mesmo trata-se de uma prática de intervenção, porém, é preciso apresentar

---

<sup>4</sup> Resolução da Câmara de Educação Básica nº 02, de 30 de janeiro de 2012, que trata sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

informações preliminares sobre essa. Para compreender um pouco melhor a palavra Educomunicação, Soares (2000) a define como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação à distância ou "*e-learning*", e outros (SOARES, 2000, p.115).

Em outras palavras, a Educomunicação está diretamente ligada à implantação de projetos de intervenção baseados nas prerrogativas das áreas de intervenção visando melhorar os ecossistemas comunicativos em ambientes educativos. O termo que Soares (2000) empregou foi utilizado pela primeira vez pelo comunicador-educador uruguaio Mário Kaplún (SARTORI, 2010), que trabalhava com práticas de intervenção em meados do século XX e entendia a importância do campo que compreendesse as duas áreas.

O entendimento histórico da inter-relação entre comunicação e educação perpassa, inicialmente, pelos educadores Célestin Freinet, na França, e Paulo Freire, no Brasil, “considerados os desbravadores da área Educação para Comunicação” (SARTORI e SOARES, 2015, p. 8). Estes estudiosos, segundo Sartori e Soares (2015), acreditavam na livre expressão, no diálogo e na cooperação como via de acesso à transformação do indivíduo e da sociedade. Características passíveis de inclusão nesse campo de intervenção.

Já na área da comunicação, é importante compreender as contribuições feitas pelo argentino Mário Kaplún e pelo espanhol Jesús Martín-Barbero, precursores dos estudos latino-americanos na Educomunicação. Kaplún, assim como Freire, opunha-se à chamada educação bancária e contribuiu para melhorar seu método de educação através dos meios de comunicação (CARACRISTI, 2000). Assim, implementou um programa de rádio voltado para a educação, que abriu caminhos para o uso educativo dos meios de comunicação em realidades rurais e em pequenos vilarejos.

Além de trabalhos dedicados à docência e sua colaboração indireta em entidades de estudos comunicacionais latino-americanos, Kaplún desenvolveu duas importantes metodologias de comunicação/educação: o método da leitura crítica e o método do cassete-foro (CARACRISTI, 2000). No livro *Producción de Programas de Radio. El guión – la realización* (KAPLÚN, 1978), o mesmo apresentou técnicas de produção

para um programa de rádio focado nos interesses sociais local e regional, criticando a programação alienadora, que mantém a maior parcela de tempo voltada para programas publicitários e comerciais, banais e simplórios. O segundo método (CARACRISTI, 2000), do cassete-foro, é um sistema de comunicação para a promoção comunitária da educação de adultos, colocado a serviço de organizações populares, rurais e urbanos objetivando facilitar a promoção da educação para grupos que moram em comunidades distantes dos centros.

O modelo combina a comunicação coletiva com a interpessoal, através das mensagens coletivas gravadas em cassetes que são posteriormente escutados e discutidos por cada integrante dos grupos participantes, que gravam as respostas e considerações, no outro lado da fita e as devolvem ao centro emissor (CARACRISTI, 2000, p.8).

O método buscava diminuir o isolamento de comunidades distantes ou com difícil acesso a escolas e, em contrapartida, aumentar a interação entre esses grupos. “*Si pretendemos formar conciencia crítica en nuestros destinatarios, lo primero estenerlanosotros. Si aspiramos a problematizarlos, debemos empezar por problematizarnos y cuestionarnos a nosotros mismos*”<sup>5</sup> (KAPLÚN, 1998, p. 158-159), assim, o estudioso ressaltou a importância do questionamento da consciência crítica nos futuros educadores.

O filósofo espanhol-colombiano Jesús Martín-Barbero começou o seu questionamento sobre a comunicação em 1987, com o livro *De los medios a las mediaciones* (MARTÍN-BARBERO, 1990). Na obra, Martín-Barbero desloca-se do estudo dos meios para focar no entorno, nas mediações, que, segundo o mesmo, são locais entre a produção e a recepção (CARACRISTI, 2000). Pensando desta forma, há, nas mediações, um espaço onde a cultura cotidiana está inserida.

A partir desta linha de pensamento, Martín-Barbero (1987) sugeriu três hipóteses de mediação que podem interferir e alterar a forma como os conteúdos midiáticos são recebidos nos espectadores: (i) a cotidianidade familiar, o espaço de confronto e mantimento das relações pessoais através da interação delas com as instituições, (ii) a temporalidade social, a diferença entre o tempo cotidiano e o produtivo, e (iii) a competência cultural, o contexto cultural adquirido pelas pessoas.

---

<sup>5</sup> Tradução do autor: Se temos a intenção de formar consciência crítica em nossos destinatários, a primeira coisa é tê-la conosco. Se aspiramos a problematizá-los, temos de começar por nos problematizar e nos questionar.

Segundo o estudioso (MARTÍN-BARBERO, 1990; 2001; 2008), a primeira (sociabilidade) refere-se à interação social das pessoas, que é repleta de negociações com as instituições. A segunda (ritualidade) leva em consideração a relação entre a audiência com a mensagem televisiva. A terceira (tecnicidade), por fim, refere-se ao meio em si, desde a produção até a emissão dos conteúdos televisivos.

Atualmente, Martín-Barbero (2009) considera que as mediações são transformações do tempo e do espaço a partir de dois grandes eixos, as migrações populacionais e fluxos de imagens. Estes devem ser levados em consideração de forma conjunta, pois estão sempre em deslocamento. Com isso, forma-se 2 (duas) mediações fundamentais nos dias de hoje, de acordo com o pesquisador. Vejamos: (i) a identidade e (ii) a tecnicidade. Neste contexto Martín-Barbero (1987) acrescenta, ainda, mais duas mediações: (i) a ritualidade e (ii) a cognitividade, devido a enorme ligação entre as outras duas com as novas formas de identidades e subjetividades que as pessoas têm acesso atualmente.

Ainda dentro da Educomunicação, é preciso que tanto educadores quanto educandos estejam envolvidos no processo educacional de conhecimento, não apenas minimizando a apreensão de conhecimentos dados (SOARES, 2000), mas, sobretudo, valorizando saberes apreendidos pelo educando anteriores às aulas. Desta forma, vendo o atual *status* da educação como um campo a ser desenvolvido mediante práticas comunicativas, inclusive por apresentar características desta, torna-se bastante viável o emprego de meios midiáticos, como a análise de discurso de ferramentas televisivas para uma renovação dos métodos e técnicas de ensino.

Pioneiro na relação entre comunicação com os processos educativos, Kaplún (apud SOARES, 1999, p.9), define esse campo de conhecimento como “toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos”. Em correlação, Martín-Barbero (2002) afirma que os ecossistemas comunicativos são formados pelo conjunto de linguagens, escritas, representações e narrativas capazes de alterar a percepção. E mais: os ecossistemas comunicativos são construídos por mediação.

A função dos ecossistemas – em seu contexto polissêmico – é cuidar da saúde e do bom fluxo das inter-relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos/as ao uso adequado das tecnologias da informação para a construção

coletiva de conhecimentos (SOARES, 2014) e a Educomunicação surge para gerenciar os ecossistemas no cumprimento de sua missão.

### **Mediação Tecnológica nos Espaços Educativos**

Segundo necessidades de produção e melhoria nos ecossistemas, esse campo, por seu conceito e atual *status*, está dividida em sete áreas de intervenção, como mostrado na resenha Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (SOARES, 2013), em que a Mediação Tecnológica nos Espaços Educativos (MTE) é caracterizada por “práticas relacionadas ao entendimento da natureza civilizatória da sociedade da informação e do emprego de suas tecnologias a partir da lógica educacional” (SOARES, 2013, p. 4).

Entre as áreas de intervenção, a MTE objetiva “a implementação e os procedimentos usados e reflete sobre a presença das tecnologias da informação e seu diverso uso pela comunidade seja nos espaços educacionais formais ou não” (SOARES, 2011, p.43).

Segundo a cronologia, a segunda metade do século XX viu surgir inovações midiáticas, novos meios de comunicação que permitiam a maior participação do público na produção do conteúdo. Assim, a cultura das mídias permitia a maior interação entre os produtores da comunicação e os receptores, com maior fluxo de comunicação em *feedback*, nos meios de comunicação. Com estas inovações, o público se viu mais envolvido com as mídias, sabendo que faz parte da produção das mesmas.

Com o avanço tecnológico inerente ao final do século XX, o advento da *internet* e sua inclusão cada vez maior na sociedade, culminamos na cultura digital, que possibilitou o avanço da globalização e a ruptura de barreiras comunicacionais, ou seja, não há limites no globo para a troca de informações via *web*. Em linhas gerais, o conceito de cultura digital está atrelado ao uso da *internet* como ferramenta de convergência midiática (SILVA, DINIZ e ALVES, 2015), visando, assim, atrelar todas as possibilidades de comunicação através do uso do computador.

Confundindo-se com a cultura digital, a sua evolução no âmbito virtual culminou no ciberespaço, definido como realidade multidimensional artificial ou virtual globalmente em rede, sustentada e acessada através do computador (SANTAELLA, 2003). Este ambiente virtual de troca de informações, onde a comunicação se

desenvolve, atualmente, está vinculado à cibercultura e suas principais características são, segundo Silva, Diniz e Alves (2015): a heterogeneidade, a multiplicidade (acesso a múltiplas "janelas" pelos usuários) e a descentralidade (possibilidade de conexão dos usuários com outros de ambientes diversos). A geração de informação e possível formação de conhecimento foram ampliadas com a comunicação dentro da cibercultura.

Sobre tantos tipos de comunicação e o surgimento de novos, acredita-se sempre no problema do desaparecimento de algum (BRIGGS e BURKE, 2006). Sobre isso, Briggs e Burke (2006, p.51) enfatizam que "[...] quando aparece um novo gênero ou meio de comunicação, os anteriores não somem. O velho e o novo coexistem e competem entre si até que finalmente se estabeleça alguma divisão de trabalho ou função", culminando em que o meio comunicacional e seus elementos voltem ao estado de equilíbrio.

Uma das maiores falhas no que se refere às diversas comunicações é com relação aos multíusos das mesmas, quando a(s) forma(s) utilizada(s) para informar mais atrapalha(m) do que ajuda(m), ou seja, a aplicabilidade de cada uma perde a noção de uso e o receptor da mensagem não a entende (BORDENAVE, 1991), ou como soluciona Bordenave (1991, p.59), "a pessoa que comunica em geral necessita dar a seus interlocutores uma ideia sobre como ela deseja que sua mensagem seja decodificada e interpretada".

Outro ponto discutível é a divisão entre comunicação pública e privada, sobre até que ponto uma informação do sujeito interfere na vida social da população, quando esse ocupa posto de autoridade ou de fama conhecida e se torna indissociável quando a informação se torna objeto capital e sua quantia, em determinados pontos, alcança valores atrativos ao detentor da informação desejada (BORDENAVE, 1991).

Ligando comunicação à Educomunicação, não é simples separar aquela da educação. Primeiro, porque ensinar requer o princípio comunicativo básico de transmissão e retransmissão de mensagens. Segundo, porque comunicar também tem um viés educativo quando emite informações, mesmo sem o uso da palavra. Os dois campos estão interligados, com a aproximação dos fluxos comunicacionais e das práticas pedagógicas escolares (CITELLI, 2009).

Dentro da educação escolar, a comunicação - com seu sentido calcado no compartilhamento de informações - tem ocupado espaço de contato nas relações interpessoais de docente e discente, de escola e família, de escola e sociedade. Por outro

lado, as chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), desde a era cultural das massas, têm sido utilizadas como ferramentas de ensino em sala de aula. Como exemplo, a Educação a Distância (EaD), baseada no ensino através de vídeo-aulas gravadas e exibidas em televisores ou pelo computador, faz parte do processo de ensino aprendizagem possibilitado pelas TICs. Das inter-relações entre educação e comunicação, como campo de mediação, foi construída a Educomunicação, a ser trabalhada no tópico seguinte.

## **Metodologia**

Paulo Freire – no conjunto de sua obra – revolucionou a prática educativa tradicional, focada na transmissão, quando disse que "[...] educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1979, p.69), e, nesta mesma linha de pensamento, Soares (2009) aponta que deve haver uma substituição do termo "transmissão" de conhecimentos pelo de "mediação", tendo em vista a relação entre o envio da informação e a apreensão de conhecimento, mudando, assim, a função e o papel do/a professor/a.

Levando em consideração o meio educacional atual, sabe-se que, além de mediação de conhecimentos, é preciso uma mediação de linguagem, como afirma o texto do Ministério da Educação e Cultura intitulado Audiovisuais: arte, técnica e linguagem (BRASIL, 2006, p.16): “[...] podemos compreender linguagem como todo e qualquer meio sistematizado que usamos para comunicar, transmitir, receber e repassar ideias, informações, conhecimentos”. Assim, as linguagens mediam os processos educativos e precisam ser consideradas fundamentais no planejamento de ensino.

A priori, toda essa problemática e a metodologia para implantação de tal iniciativa se interligam, em inter-relação, tanto do campo da educação quanto da comunicação, pois, segundo Soares (1999), estas áreas se aproximam justamente por estas necessidades suscitadas. Necessidades que as constituem como áreas complementares. Este mesmo autor defende este novo campo de intervenção, entre educação e comunicação, denominando-o de Educomunicação.

A utilização dos seriados e desenhos no ambiente escolar tem a capacidade de promover o pensamento crítico do aluno, de fazê-lo pensar no seu papel como cidadão

responsável em meio à sociedade em que vive. Foi com base nesta assertiva que optamos pela utilização dos referidos programas.

Rocco (apud MESQUITA e SOARES, 2008, p.420), trabalhando com a metalinguagem destes produtos televisivos, afirma que "uma vez trabalhada a ludicidade que recobre o discurso desses textos, pode-se partir para o contraponto do questionamento da mensagem que é passada, iniciando um processo de crítica às figuras, aos arquétipos que nos chegam". Esta perspectiva possibilita o questionamento e abre possibilidades para os usos escolares destes meios.

Neste contexto discursivo, segundo Freitas (2014, p.1), "os jovens criam espaços de organizações e relações, tendo acesso a várias referências culturais, constituídas por um conjunto heterogêneo de redes de significados". Uma destas referências são os programas de televisão, onde muitos jovens acabam se espelhando em várias personagens de determinados programas que lhes são apresentados, chegando muitas vezes a citar ou até mesmo a imitar determinadas características delas.

A partir do pensamento de que muitos jovens acabam se espelhando e absorvendo um pouco daquilo que lhes é mostrado nos programas televisivos, pode-se criar formas para que eles expandam sua forma de observação destes programas, culminando em novas percepções de significados implícitos durante os programas, como afirma Martin (2003, p.32), em sua obra *A linguagem cinematográfica*, que o cinema é uma experiência única e intransferível, o espectador é levado a construir um posicionamento crítico diante do filme para que possa haver interação.

A metodologia a ser usada na apresentação dos programas televisivos no dia-a-dia escolar deve, primeiro, ter uma análise dos conteúdos a serem inseridos, onde separa-se conteúdos de distintas disciplinas, inerentes a um único programa, e serem apresentados em momentos diferentes, sem perder a interação.

Seguindo os conceitos da videoarte, com a expansão das interpretações, não somente questões educacionais podem ser discutidas em sala de aula, mas, também, questões sociais podem ser em outros momentos, como em palestras, debates e afins. Acerca disto, Metzker (2008, p.9) ressalta, ainda, que "essas novas formas de aprender mostram que o ensino não se restringe à sala de aula e que os objetivos da educação devem ir além do conteúdo escolar, contribuindo para o desenvolvimento humano".

Em relação aos programas televisivos, podemos nos basear no que afirma Sousa (2014), asseverando que a televisão se tornou "uma gigante gerenciadora de opinião

pública” e, portanto, acompanhar a programação televisiva ajuda a criar opinião. Levando em consideração esta assertiva, pode-se inserir este veículo de comunicação nas salas de aula como uma “nova” forma de criar opinião pública, com a diferença crucial de que o gerenciador desta opinião será o professor (ou, na perspectiva da Educomunicação, o educador) que levará o veículo à aula, podendo abordar diversos temas que, muitas vezes, passam despercebidos pelo público, mesmo quando os estão vendo pela TV em suas residências. Assim, o gerenciador, aqui agindo também como mediador, pode gerar um ambiente para debate e troca de ideias, seguindo as afirmações de Mcleish (2001), que assegura que a tarefa do mediador é:

Proporcionar oportunidades iguais de expressão para todos os participantes. Isso talvez exija interrupção e encorajamento. Acima de tudo, ele precisa saber identificar e lidar com atitudes que visam desviar a atenção e também evitar as digressões. Para fazê-lo, ele precisa saber qual o rumo que deve dar ao debate e ter a pergunta adequada na ponta da língua para que a interrupção seja categórica, construtiva e cordial (MCLEISH, 2001, p.110).

Ainda sobre este debate em relação ao conteúdo apresentado, é de clara visão que o assunto abordado seja de interesse público. Desta forma, a discussão acerca de determinado tema tem a contribuição dos envolvidos, no caso, os estudantes, seja como ouvintes ou, também, como opinadores. Assim, além da abertura de espaço para troca de opiniões e a disseminação de mensagens, havendo *feedback* entre todos, tanto mediador quanto mediado, imersos no ecossistema comunicativo.

A junção do uso das novas tecnologias com os programas televisivos é uma ferramenta que os profissionais de educação podem usar a seu favor para uma nova maneira de ensinar, alterando o cotidiano escolar e social dos alunos. As novas tecnologias são o auxílio que pode levar o ambiente escolar a mudar sua visão de que o professor é único capaz de deter informações, transformando-se, assim, em um mediador de discussões sobre determinados assuntos. Discussões estas que, com o pensamento crítico, criado através da inserção dos programas televisivos, de forma educacional, podem, também, ser transmitidas para o ambiente fora da escola, impactando positivamente nas famílias.

Levando em consideração as palavras de Esperon (1998, p. 24), consideramos que não se deve limitar a linguagem escolar em oral e escrita, mas, sim, destruir o limite que a palavra linguagem aplica. Para isso, podemos pensar na TEM como uma das principais formas de abrir um novo leque de linguagens que podem ser usadas em sala

de aula. Linguagens estas que podem, também, abrir espaços para novas formas didáticas e, ainda, novos assuntos que podem ser tratados em sala de aula sem que sejam considerados entediantes ou cansativos pelo corpo discente.

Do ponto de vista do professor, como mediador da situação, partindo dos fundamentos apresentados por Gomes, Albuquerque e Puggian (2013), temos a proposta de construção do cidadão crítico já a partir de crianças e adolescentes. O conteúdo teórico apresentado em sala de aula é complementado com o produto midiático, que fomenta a observação dos estudantes, com a devida orientação do professor e, assim, superando os limites da escola tradicional.

Acima disso, este profissional – o professor – precisa conhecer as mídias, especialmente em situações onde o produto não será utilizado como mero complemento, mas, sim, como objeto de estudo e análise. Para tanto, vale ressaltar a máxima de Baccaga (2000, p.18): “não existe conhecimento sem mediação”. A mediação se inicia, na hipótese do ambiente educacional tradicional, pelo professor, entendendo que não é único detentor da informação, mas, em seguida, reconhecendo-se fundamental neste processo, escolher uma metodologia baseada na mediação como eixo articulador das experiências de aprendizagem significativa.

Em contrapartida, Herskovic (2011) ressalta o olhar crítico diante da globalização, quando, em seu trabalho de mestrado, considerou o estudo do seriado norte-americano Os Simpsons, que também faz críticas à sociedade capitalista e à própria mídia, elemento da pós-modernidade (HERSKOVIC, 2005). E, assim, quando posto diante de oportunidades de análise midiática, os estudantes, em mediação, devem ser desafiados a trabalhar dinamicamente, ampliando sua visão para além dos elementos configurais.

Em trabalho recente sobre os seriados e seus aspectos fílmicos, Silva e Gomes (2009, p.42) concluíram que “as narrativas, subjetividades e ideologias encontradas em contextos fílmicos são de suma importância para a formação do caráter humano”. Desta forma, mais um elemento é agregado à gama de possibilidades que os trabalhos de intervenção da TEM é capaz de produzir.

Partindo da importância da alfabetização, no seu sentido mais amplo, Silva (2001<sup>a</sup>, p. 118) demonstra a importância desta análise fílmica, pois “saber ver uma imagem, um filme, é tão necessário quanto aprender a ler e escrever nos moldes convencionais, pois os códigos e os processos de produção da comunicação se alteram

e, nessas mudanças, buscam receptores aptos para “entendê-los”. Mais apto, nesse caso, seria aquele que permanece em estudo da imagem, explicando que a realidade é feita de imagens. Afinal, podemos considerar a imagem como um texto.

Voltando ao texto do Ministério da Educação e Cultura que trata dos audiovisuais em sala de aula (BRASIL, 2006, p. 28), inclui-se a linguagem audiovisual como importante para o aprendizado do alunado e afirmando que:

Mais do que aprender por meio dos produtos audiovisuais, importa ainda entender essa linguagem para que a educação, por meio de professores e alunos, passe a construir o conhecimento do mundo (BRASIL, 2006, p. 28).

Este texto explica que a nomenclatura “linguagem” é dada ao sistema que usamos para comunicar, transmitir, receber e repassar ideias, informações e conhecimentos (BRASIL, 2006), e, portanto, é polissêmica.

O documento do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 2006) defende o audiovisual em sala de aula e não impõe o professor como sendo o centro da atividade, mas uma espécie de gestor da informação, inclusive mostrando o entretenimento como uma estratégia didático-lúdica, indo na contramão do ensino tradicional que rejeita a proposta justamente pela possibilidade “de perda de foco ou de tempo” em vista do próprio entretenimento.

### **Considerações Finais**

Com estes resultados, através do viés educacional, podemos deduzir que a utilização destas mídias em sala de aula pode gerar, além da absorção de conteúdo, a troca de informações, tanto entre professor e aluno quanto entre os próprios alunos. Em vista deste diálogo, poderão surgir novos programas para serem utilizados, que estejam ainda mais presentes no dia-a-dia dos alunos.

Com as ferramentas certas, alunos que não tinham o estímulo necessário para aprender um conteúdo, por acharem o mesmo chato ou de difícil compreensão, podem ter uma nova perspectiva sobre este conteúdo, desde que apresentado com algum programa televisivo que lhe interessou. Através do uso destes programas em debates, um ambiente que muitas vezes é considerado inútil por muitos alunos pode se tornar um local de real discussão, onde todos os participantes tenham uma voz e que demonstrem interesse no tema abordado.

As mídias possuem uma diversidade de temas que podem ser utilizados em sala de aula, nunca se restringindo somente a uma única vertente ou a uma única forma de serem utilizados, abrindo um leque de possibilidades de acordo com os assunto proposto a ser abordado.

O Educomunicador, profissional que tem como um dos principais objetivos a construção de uma união entre os meios de comunicação e a educação, é uma importante peça para a utilização destes tipos de mídia em sala de aula. Através da mediação, os temas que deseja-se que sejam discutidos em sala de aula podem ser abordados sem que haja uma distração pelas outras questões que estes programas possuem, além de poder utilizar estes mesmos programas para despertar o senso crítico dos alunos, mostrando uma nova vertente da mídia, levando os alunos a reflexões sobre diversos aspectos midiáticos.

Por conseguinte, outros autores que atuam em pesquisa com a área de educomunicação voltada para a MTE, no uso das mídias para debate em ambientes educacionais ou afins podem utilizar os estudos desse artigo em seus projetos acadêmicos, artigos e demais trabalhos científicos, enriquecendo esse campo das ciências sociais.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** Editora Senac: São Paulo, 2000.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem.** Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. **Define as diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio.** Resolução n. 2, de 30 de janeiro de 2012.

CARACRISTI, Maria de Fátima A. As ideias de Mario Kaplún: fenômeno latino da comunicação educativa. **In: PCLA (Perfis)**, v. 1, n. 4, jul./set. 2000.

CITELLI, Adilson. O. Comunicação/educação: situações. In: Maria Cristina Castilho Costa; Maria Aparecida Baccega. (Org.). **Gestão da Comunicação. Epistemologia e pesquisa teórica.** 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2009, v. 1, p. 145-160.

GOMES, Vinicius; ALBUQUERQUE, Gabriela Girão de; PUGGIAN, Cleonice. Estratégia interdisciplinar para o ensino do meio ambiente. **Revista de educação do IDEAU**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 17. jan./jun, 2013.

HERSKOVIC, Chantal. **Chegando a Springfield**: um estudo crítico sobre a série Os Simpsons. 2005, 289 p. Dissertação (Mestrado em Artes), UFMG. Belo Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. Chegando a Springfield: humor e sátira na série Os Simpsons. **Revista USP**. São Paulo, n. 88, p. 100-111, dez./fev. 2010-2011.

ESPERON, Tania M. Educação para a mídia. *Pedagogia da Comunicação: Caminhos e Desafios*. In: **Pedagogia da comunicação**, Org. PENTEADO, Heloísa Dupas. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Goreti Maria Sampaio de. **A Televisão: Vozes e Histórias de Interações**. Campina Grande: UEPB, 2014.

KAPLÚN, Mário. **Producción de Programas de rádio: el guión – la realización**. Quito: Ciespal, 1978.

\_\_\_\_\_. **Una pedagogía de la comunicación**. n. 11. Madrid: Ediciones De La Torre, 1998.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. México: Gustavo Gilli, 1987.

\_\_\_\_\_. De los medios a las practicas. In: **Cuadernos de comunicación y practicas sociales**, n.1, p.9-18, 1990.

\_\_\_\_\_. **La educación desde la comunicación: enciclopédia latinoamericana de sociocultura y comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. As formas mestiças da mídia. **Pesquisa FAPESP Online**, edição 163, p. 10-15, setembro 2009. Entrevista concedida à Mariluce Moura.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa Soares. Visões de ciências em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciência e Educação**. Goiânia, v. 14, n. 3, p. 417-429, 2008.

METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues. Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social. **In: XIII Congresso de ciências da comunicação na Região Sudeste.** São Paulo, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano** - da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTORI, Ademilde Silveira. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 33-48, jul. 2010.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015.

SILVA, Anthony Souza e; DINIZ, Jorge Luís Bezerra; ALVES, José Maurício Fernandes. A revolução da cibercultura e a distribuição de informações no século XXI. **In: XVII Congresso de ciências da comunicação na Região Nordeste.** Natal, 2015.

SILVA, Salete Therezinha de Almeida. A linguagem cinematográfica na escola: uma leitura d'O rei Leão. In: CITELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola:** publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p.89-120.

SILVA, Tânia Cristina do Ramo; GOMES, Ana Claudia Fernandes. A importância dos desenhos animados como representação ideológica: formação da identidade infantil. **Iniciação Científica CESUMAR.** [S.l.], jan./jun. v. 11, n. 1, p. 37-43. 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais.** v.1, n. 2. Contato: Brasília, jan./mar.1999.

\_\_\_\_\_. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação. **Comunicação & educação:** Editora Paulinas. v. 19. n. 2, p. 135-142, jul/dez 2013.

\_\_\_\_\_. **Ecossistemas comunicativos.** Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Educomunicação: um campo de mediações. **In: Comunicação & Educação.** São Paulo, set./dez. 2000. p. 12-24.

\_\_\_\_\_. Trabalho colaborativo e novos meios de produção de conhecimento: uma proposta educacional. **In: III Congresso Ibero-Americano Educaredes - Educação, Internet e Oportunidade.** São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Uma educomunicação para a cidadania.** 10 Ed. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

SOUSA, Ricardo Barbosa Fernandes de. **A evolução da mídia televisiva: os impactos da tv na era da convergência.** Recife: UFPE, 2014.